Laboratório de Pesquisas
sobre Desigualdades Raciais

Os artigos "Aspectos demográficos dos grupos de cor", "Cor e seletividade conjugal no Brasil", "Educação: um quadro de desigualdades", "Desigualdades raciais no mercado de trabalho brasileiro" e "Raça, gênero e mercado de trabalho", deste número de ***Estudos Afro-Asiáticos****, foram realizados no âmbito do Laboratório de Pesquisas sobre Desigualdades Raciais no Brasil.*

Desenvolvido a partir de março de 1991 no CEAA, sob orientação minha e de Nelson do Valle Silva, esse programa de treinamento de pesquisadores objetivou fazer um diagnóstico do desempenho sócio-econômico dos grupos raciais por ocasião do centenário da abolição, utilizando sobretudo os dados da PNAD de 1987 que foram publicados no volume Cor da população.

O grande desenvolvimento experimentado pelo Brasil durante três décadas, começando em 1950, gerou expressiva melhora das condições sociais cujos reflexos se estenderam até mesmo à década de oitenta, a famosa "década perdida". No entanto, a sociedade brasileira não logrou superar dois problemas básicos: o da distribuição da riqueza e o das desigualdades raciais.

Em linhas gerais, o modelo econômico praticado no Brasil, embora tenha gerado enorme mobilidade social, não universalizou a educação básica,

não fez a reforma agrária e concentrou ainda mais a renda. Com isso, os indivíduos se encontram numa situação de descapitalizados cultural e economicamente. E daí as legiões de deserdados, que se tornam mais visíveis nesse longo período recessivo que o país está atravessando, de que o aumento da população de rua nas grandes cidades é apenas um dos exemplos mais evidentes.

Nesse contexto, ressalte-se a diferenciada capacidade dos segmentos sociais em fazer valer suas demandas. O país dos lobbies *bem-articulados, e freqüentemente endinheirados, de Brasília é o mesmo país do extinto programa de distribuição do leite. Some-se a isso as históricas taxas de desperdício e malversação que acompanham a execução de políticas sociais. Temos, então, desenhado um quadro em que políticas redistributivas são praticamente inviabilizadas.*

Nessa dinâmica, há também um importante componente regional: o relativo bem-estar de alguns estados contrasta com áreas do Nordeste que desfrutam de condições de vida comparáveis às das mais subdesenvolvidas regiões do planeta.

O fator racial, constantemente negligenciado nos estudos sobre a realidade brasileira, tem um papel específico nesse processo de estratificação. Em geral, nos sucessivos estágios do ciclo de vida sócio-econômico, os segmentos preto e pardo da população obtêm os piores desempenhos. O efeito da variável raça, que tem sido reafirmado pela pesquisa sociológica recente no Brasil, é detectado nos temas abordados pelos cinco trabalhos.

A diferenciação no acesso às oportunidades e na realização sócio-econômica, mais uma vez constatada, permite afirmar que há um problema racial a ser resolvido na sociedade brasileira. Problema esse que só será solucionado quando as desigualdades raciais forem incorporadas, sem subterfúgios, à agenda de discussões das graves dificuldades nacionais.

Carlos Hasenbalg